



Uma semana para descobrir Lisboa

A história de Pardal Monteiro e da Lisboa moderna, em particular do bairro de Alvalade (na foto), é o foco da Lisbon Week deste ano. A terceira edição da iniciativa decorre até dia 19 e está mais centrada no património da cidade, promovendo 11 visitas guiadas e 12 exposições, em espaços como a Biblioteca Nacional de Portugal e o Hospital Júlio de Matos, passando

também pelo Jardim do Campo Grande, o complexo dos Coruchéus, a Reitoria da Universidade de Lisboa e os museus da Cidade e Bordalo Pinheiro. A organização mantém algumas actividades gratuitas, mas introduz bilhetes para outras: 7€ para visitar os edifícios, 10€ para os percursos de autocarro. Mais informações em www.lisbonweek.com.

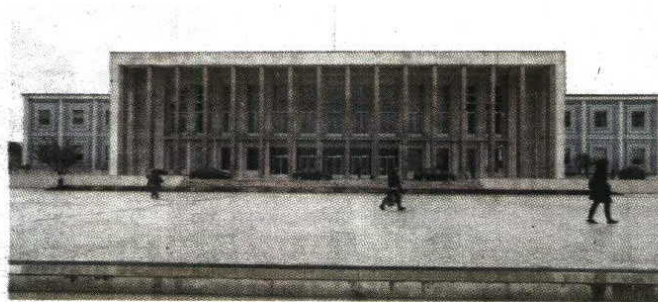


ID: 58751238

10-04-2015



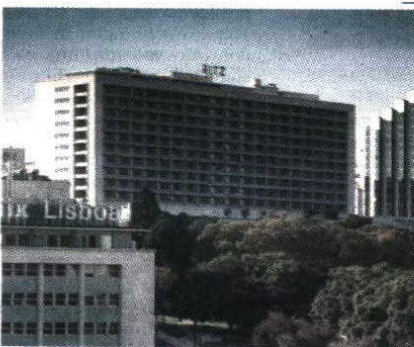
Igreja de N. Sra. do Rosário de Fátima
1933. É o primeiro templo católico construído em Lisboa após a implantação da República. Prémio Valmor em 1938.



Reitoria da Universidade de Lisboa
Construído entre 1959 e 1981

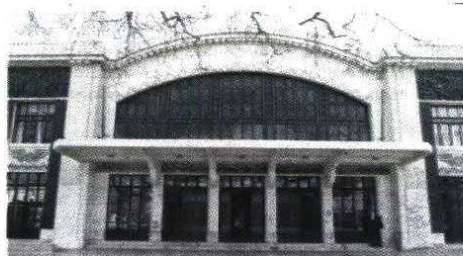


Biblioteca Nacional de Portugal
Projeto de 1954. A inauguração aconteceu em 1969.

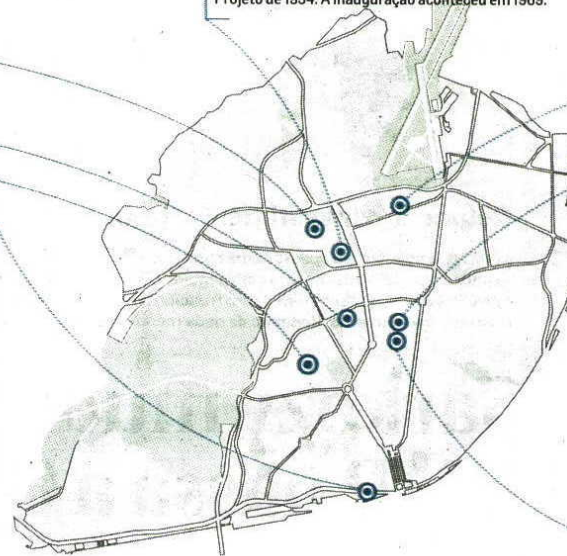


Hotel Ritz
Projeto de 1952, inaugurado em 1959, após a morte de Pardal Monteiro.

As obras da cidade



Estação Ferroviária do Cais do Sodré
Abre as portas em 1926.
Monumento de interesse público desde 2012.



Porfírio Pardal Monteiro, o arquiteto moderno e total

Lisbon Week. Uma exposição e uma visita pela cidade de Lisboa com paragem nas mais emblemáticas obras do arquiteto português. Ana Tostões e João Pardal Monteiro guiam

LINA SANTOS

Abrindo a cidade aos habitantes e visitantes, a terceira edição da Lisbon Week arranca hoje e prolonga-se até 19 de abril. Porfírio Pardal Monteiro, pioneiro da arquitetura moderna, é um dos protagonistas. A história começa na Biblioteca Nacional de Portugal, um dos seus últimos projetos, com uma exposição (até 9 de junho) que reúne desenhos, quase todos em escala 1/100, a preferida do autor, amostras de mobiliário, fotografias, caderninhos de viagem, e até os seus compassos, e estende-se numa visita cultural (de autocarro) por outras ruas da cidade, onde o arquiteto deixou a sua marca de monumentalidade.

Biblioteca Nacional de Portugal
Foi começada por Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), mas só ficou pronta depois da sua morte. Quem acompanhou a construção foi o sobrinho António, que se entusiasma com a arquitetura graças ao tio, como Porfírio se interessa pela profissão pelo contacto com os dois grandes arquitetos da época: Miguel Ventura Terra, com quem virá a trabalhar, e José Luís Monteiro, que eram clientes do pai de Porfírio, canteiro e dono de uma pedreira em Pero Pinheiro, Sintra, onde o futuro arquiteto nasceu. "O Ventura Terra era o senhor Terra", conta João Pardal Monteiro, arquiteto, professor, presidente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e sobrinho-neto

do arquiteto. De volta ao presente, a exposição - *Porfírio Pardal Monteiro, o Arquiteto de Lisboa* - foi instalada na sala de leitura do novo edifício, um corpo trabalhado pelo ateliê Pardal Monteiro, com base em projetos de ampliação que já tinham sido previstos pelo autor.

Reitoria da Universidade de Lisboa
O primeiro projeto de Pardal Monteiro para a Universidade de Lisboa é chumbado, o que agradou ao arquiteto. "Foi o pior projeto da vida dele, dito pelo próprio", diz o sobrinho-neto. "O mal só não foi tão grande porque não se construiu", ri-se. Tinha telhados e janelas pequenas, obedecia a um programa ao estilo Português Suave, de que Pardal Monteiro se tinha sempre

querido manter à margem, justificava João Pardal Monteiro. Os primeiros esboços são de um período em que está zangado com Duarte Pacheco. Os motivos da zanga não são claros. Terá sido porque o ministro das Obras Públicas de Salazar gostava de rabiscar nos projetos e, cansado, Pardal Monteiro lhe levou os desenhos emoldurados? A graça é insuficiente para explicar o afastamento aos olhos de João, que atribui importância ao facto de o engenheiro se ter virado para os projetos como o que Cristino da Silva assina para a Praça do Areeiro. A construção da Faculdade de Direito coincide com o primeiro AVC, que Porfírio Pardal Monteiro sofre, em 1956. "Era um homem que gostava de viver, não gostava

de sentir-se diminuído e só vai à cidade universitária guiado pelo sobrinho, aos domingos", conta João. Escreve as suas memórias nesse período e terá um novo AVC. Põe termo à vida em 1957.

LNec

Só depois da morte de Duarte Pacheco, em 1943, num acidente de automóvel, Pardal Monteiro retoma, em força, as obras. O Laboratório Nacional de Engenharia Civil é um desses projetos. Pardal Monteiro chega a pedir a intervenção de Salazar, por carta. "Entre 1938 e 1943 tem duas obras", nota João.

Instituto Superior Técnico

"Duarte Pacheco podia ter escolhido Álvaro Machado, professor no Técnico, de quem Pardal Monteiro era assistente, mas escolhe um jovem como ele" para desenhar o campus universitário, diz Ana Tostões. O engenheiro tem 25 anos quando se torna diretor do IST, Pardal Monteiro mais três. Nessa altura são próximos. "O Porfírio é o único que o consegue convencer a viajar", diz João.

Instituto Nacional de Estatística

Durante uma visita de imprensa à exposição, ontem, Ana Tostões, arquiteta, investigadora do Instituto



Laboratório Nacional de Engenharia Civil
1949, projetado quando volta a ser contratado pelo Estado.



Instituto Superior Técnico
Projeto nasce ainda na década de 1920, fica concluído nos anos 1940.



Instituto Nacional de Estatística
Inaugurado em 1931.

Superior Técnico e curadora da exposição (juntamente com João Pardal Monteiro), nota como o edifício sede do Instituto Nacional de Estatística, com o seu corredor suspenso, foi buscar inspiração a um outro, na Ucrânia, uma das muitas paragens do arquiteto nas suas viagens. "Vi um edifício, sabia que ele lá tinha estado e percebi", conta.

As viagens são obrigatórias sempre que começa um novo trabalho. A Caixa Geral de Depósitos é o primeiro trabalho depois da graduação na Escola Superior de Belas Artes, em 1919. Um conjunto do património histórico do banco mostra a carta da contratação e um pedido de passaporte para que Pardal Monteiro viajasse por Espanha, França e Itália, para conhecer "modernas instalações bancárias". Desenha a sede da Caixa no Porto, "um exterior clássico com um interior moderno", segundo João.

Estátua

A viagem pela cidade passa pela estátua de António José de Almeida, na avenida com o nome do médico, escritor e político republicano – o monumento é de Pardal Monteiro, a execução é de Leopoldo de Almeida, um artista com quem colaborou em diversas ocasiões, como aconteceu com Almada Negreiros.

"Embora trabalhasse para o regime tinha uma base republicana", sustenta João, cuja tese de doutoramento incidiu sobre o trabalho do tio-avô.

Estação do Cais do Sodré

A visita por Lisboa continua pela estação ferroviária do Cais do Sodré, uma das primeiras e mais emblemáticas, pela novidade que trazia à cidade. Mostra a influência que teve nele a exposição de *Arts Decoratifs*, em Paris, 1925, considera João. É lá que toma contacto com os princípios modernos. "Quando regressa, Fausto Figueiredo, empresário da Linha do Estoril, pede-lhe para fazer a Estação do Cais do Sodré, uma coisa simples, com pouco dinheiro porque só ia ter a concessão por quatro anos", conta João Pardal Monteiro. "Efémera, mesmo", acrescenta Ana Tostões. Pardal Monteiro tinha 29 anos e diz-se que foi na inauguração do edifício, em 1926, que Duarte Pacheco o conheceu. João atira a história para o campo da lenda, mas confirma que o futuro ministro de Salazar disse ao tio-avô que "era ele ou contratar um estrangeiro".

Hotel Ritz

O hotel junto ao Parque Eduardo VII é outra das obras que Pardal

Monteiro já não viu terminada. Começou em 1954, o mesmo ano em que se inicia o projeto da Biblioteca Nacional. Pedro Teotónio Pereira faz um discurso duro na inauguração. "Demasiado moderno", chama-lhe, recorda Ana Tostões. "É outra acrópole, depois do Técnico." Nesta zona de Lisboa, o arquiteto fez os seus projetos *corporate*: a Ford Lusitana (hoje hotel Méridien) e a sede do *Diário de Notícias* (prémio Valmor em 1940), para o qual vai chamar uma figura até então desconhecida: Ferdinand Kattel, o engenheiro de acústica, tratando-se de um projeto que envolvia maquinaria pesada e escritórios.

Igreja Nossa Senhora de Fátima

Última paragem: o prémio Valmor de 1938, a primeira obra encomendada pela Igreja após a implantação da República, motivo de polémica entre os "setores reacionários e os arquitetos", segundo Ana Tostões, mas defendida pelo cardeal-patriarca António Cerejeira. "Todas as igrejas foram modernas", disse. A igreja é toda betão e Pardal Monteiro fez o projeto ao lado dos artistas. As esculturas são de Leopoldo de Almeida, os vitrais de Almada Negreiros – com quem trabalhou no DN e nas gares marítimas de passageiros, em Alcântara.



LISBONWEEK 2015

DEZ DIAS DE EVENTOS VARIADOS PARA #DESCOBRIRALVALADE

#feiradabuzina

O formato original é do 'car boot sales', o que, em bom português, quer dizer meter tudo o que se tem em casa e não se quer na bagageira do carro e vender.

É dia 12, no Mercado de Alvalade Norte.

#torredotombo

Do Palácio de São Bento para o atual edifício projetado por Arsénio Cordeiro, são 140 quilómetros lineares de documentação. Um arquivo que guarda dez séculos de história documental portuguesa.

#regatadebarcos

Da cabeça de Fernando Alvim não poderia sair outra coisa: "A mais irreverente e divertida competição náutica." Ou seja, uma simples corrida de barcos a remos. Realiza-se dia 18 no lago do Campo Grande.

#urbansketchers

Um coletivo de autores que desenha diários gráficos das cidades lança "um olhar diferente sobre o quotidiano" do bairro de Alvalade.

De segunda a sexta, das 10h00 às 19h00, na Reitoria da UL.



D Mais // Cidade

LisbonWeek. Alvalade pede-lhe para não ficar em casa

É o bairro homenageado na nova edição do evento lisboeta, que decorre de hoje a 19 de Abril. Percorremo-lo de autocarro e contamos o que vimos

MIGUEL BRANCO
miguel.branco@ionline.pt

Encontro marcado à porta da Biblioteca Nacional de Portugal. Um autocarro espera pelos jornalistas que se antecipam aos demais para espreitar uma das iniciativas da LisbonWeek 2015. Ânasia própria de antigos momentos escolares: quantos faltam, quem vem, cabemos todos, tudo com interrogação no final. Lisboa Moderna é um percurso que percorre o bairro de Alvalade e lhe traça o perfil, contextualização, radiografia temporal da sua arquitectura e urbanismo, que é, afinal a imagem de qualquer localidade. Tudo isto com curadoria da professora e investigadora do Instituto Superior Técnico Ana Tostões. Esta é apenas uma pequena amostra da invasão cultural que a Lisbon Week vai provocar em Alvalade, de hoje a dia 19.

Tudo a bordo, siga a viagem. Como alunos rebeldes esfregamos as mãos quando reparámos que a fila de trás ficou guardada para nós, euforia de alunos rebeldes – coisas pequenas que contam sempre nestas alturas. O enquadramento que sempre se exige neste género de roteiro coloca-nos, literalmente, no mapa. “Alvalade é o primeiro Bairro a ser idealizado de raiz, numa área de 600 hectares, com o projecto do arquitecto Faria da Costa a ser de 1945. É um bairro que se torna atractivo por ter grandes equipamentos adjacentes à habitação, não é um dormitório, é um bairro feito para ter vida”, adianta Ana Tostões uns metros depois do sinal de partida. Isto antes de definir os limites do bairro: a ponte do Jardim do Campo Grande; a sul pela linha de cintura; a norte pela Avenida do Brasil; e a nascente pela Avenida do Aeroporto. Situados?

Começamos por espreitar vários bairros dentro deste bairro maior que é Alvalade. Onde as habitações tinham, no máximo, três andares, por vontade de Salazar, que não permitia a construção de habitação colectiva. Para cada um desses uma escola, para cada povoa-

ção uma vida, que todos os caminhos – e há quanto tempo se percorrem? – vão dar à Avenida da Igreja. Onde passamos com distinção, entre o comércio local, os cafés com lugar para todos os locais fazerem a rua revista de imprensa, as clínicas e tudo mais. Nervo central de um bairro que é cada vez mais moda, mas, que, como prova este percurso, há muito que tem essa vontade.

Aliás, o que não falta em Alvalade são avenidas largas que “promovem o convívio e as grandes caminhadas”, garante Ana Tostões. A Avenida Dom Rodrigo da Cunha; a Avenida do Aeroporto – a mais chique da cidade à época, de importância figurada por representar a partida ou a chegada; a Avenida de Roma, uma das maiores e mais importantes da capital; A Avenida do Brasil, casa do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e do Hospital Júlio de Matos; A Avenida do Rio de Janeiro e a Avenida EUA.

Esta última onde fomos dar com um clássico de Alvalade, o Vává, café conhecido pelas suas tertúlias culturais. Edifício onde também existia a pequena fábrica de cerâmica Menez. Seguimos pela Avenida do Rio de Janeiro onde encontramos o estádio 1º de Maio, casa da FNAT, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Quando o circuito está prestes a ser concluído enfrentamos a Reitoria da Universidade de Lisboa de cara, trabalho de Porfírio Pardal Monteiro, arquitecto homenageado neste LisbonWeek 2015, e seguimos pelo Campo Grande. Pausa para história: “A intervenção no Campo Grande dá-se em 1945, o que torna o jardim muito concorrido. Usado, a partir de então, para paradas, encontros motards e respectivas corridas, entre outras coisas. Com a chegada do final dos anos 50 e com o fim da resistência de Salazar a criar outra Cidade Universitária, esta em Lisboa – já que o mesmo dizia que Coimbra chegava – a zona ficou ainda mais dinamizada. Alvalade agradeceu. Lisboa também.



www.lisbonweek.com



Arquivo Municipal de Lisboa

Lisboa Moderna

Um dos lugares a observar no tour que fizemos é este Bairro das Estacas, obra do arquitecto Sebastião Formosinho Sanchez. É uma zona particularmente interessante pois foi aí que se começou a elevar os prédios para que estes deixassem de ter piso térreo e, dessa forma, se conseguissem criar jardins nesse lugar. Locais de lazer para vizinhos partilharem, sobretudo os miúdos, vigiados atentamente da janela pelos pais ou quem de direito, claro está.



Tiago Fernandes

Mercado de Alvalade

É na Avenida do Rio de Janeiro que se situa o Mercado de Alvalade, actualmente em quebra notória. Sobretudo devido a um horário pouco convidativo (das 07h às 14h) e ao constante surgimento de novos supermercados. Pois é aqui que vai decorrer a Feira da Buzina, onde vai poder adquirir ou vender antiguidades, roupas, artesanato, um pouco de tudo, com as bagageiras dos carros por lá estacionados como montra. É também aí que chefes internacionais mostram receitas e formas de tratar o peixe, numa iniciativa do Peixe em Lisboa.



Tiago Fonseca

Complexo dos Coruchéus

O Palácio dos Coruchéus abriu em 1971, a mando da Câmara Municipal de Lisboa, como o primeiro aglomerado de concentração de ateliers e estúdios – no total 50 – para os artistas terem o seu espaço próprio. É uma estrutura de influência renascentista, que hoje é apelidado de primeiro LX Factory. Em 2010 sofreu obras de manutenção e o jardim acolheu uma escultura de José Pedro Croft. É também aqui que se encontra a Biblioteca dos Coruchéus, totalmente equipada.



Tiago Fonseca

Biblioteca Nacional de Portugal

É inútil tentar contar-se a quantidade de obras que estão nas estantes da Biblioteca Nacional, aquela que é a última grande obra do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, concluída pelo seu sobrinho António Pardal Monteiro. São 60 mil m² de uma estrutura inaugurada em 1969. Tanta dimensão vale uma exposição dedicada ao seu autor, o primeiro arquitecto moderno português que assinou um alargado número de edifícios em Lisboa, projectos e visões ao serviço do Estado Novo.